

COUTO, MIA; AGUALUSA, JOSÉ EDUARDO. *O TERRORISTA ELEGANTE E OUTRAS HISTÓRIAS*. ILUSTRAÇÕES DE ALEX CERVENY. SÃO PAULO: PLANETA, P. 176, 2019.

Sheila Kaplan

Doutora em Literatura Brasileira (PUC/Rio), jornalista, editora e autora dos livros infantis *Duda cata tudo e Mgkai, o estrangeiro*.

Escrito por dois dos nomes mais conhecidos e aclamados da literatura africana de língua portuguesa, o moçambicano Mia Couto e o angolano José Eduardo Agualusa, *O terrorista elegante e outras histórias* (2019) apresenta dois traços, que, se não chegam a ser exclusivos, são pouco frequentes na produção literária. O primeiro é o próprio fato de o livro ter sido escrito a quatro mãos, o que se tornou possível, como dizem os autores, pela forte amizade e admiração que os une há mais de 30 anos. O segundo é o de serem os três contos que compõem a obra adaptações de peças de teatro criadas pela dupla, quando o caminho inverso – do livro para o palco – costuma ser predominante.

*O terrorista elegante*, conto que abre o livro, resultou de encomenda do grupo de teatro A Barraca, de Lisboa. Os dois escritores encontraram-se em Boane, nos arredores de Maputo, na casa de campo de Mia Couto, e no jardim, sentados um de frente para o outro, foram criando juntos o texto original da peça. Já os dois outros contos, *Chovem amores na rua do matador* e *A caixa preta*, adaptados de peças produzidas a convite do grupo de teatro português Trigo Limpo, foram compostos à distância, por meio da troca de mensagens. De um modo e de outro, os autores buscaram romper a crença arraigada de que a criação literária é necessariamente um ato solitário.

Um fio comum perpassa as três narrativas. Embora desenvolvidas com leveza e humor, a violência é

onipresente, deixando marcas profundas nos personagens. A aparente simplicidade da escrita coloca-se a serviço da complexidade das questões em jogo. É o caso, marcadamente, de *O terrorista elegante*, novela policial saborosa, que tem por centro o suspeito de atentados simultâneos em diferentes países europeus contra embaixadas e consulados dos Estados Unidos. O acusado é o angolano Charles Poitier Benthinho, poeta romântico e mestre em espíritos, como se lê no seu cartão de visita, que se veste com roupas das grifes mais caras do mundo e tem a capacidade de falar com os pássaros. Preso, ele será interrogado por dois policiais portugueses (uma jovem agente e um comissário da polícia judiciária) e uma agente afro-americana enviada pela CIA, trio encarregado de provar sua ligação com o Estado Islâmico. Os policiais têm suas vidas transformadas – e mesmo sanadas – pelos poderes mágico poéticos do prisioneiro angolano. No entanto, embora o saibam inocente, deixam que os próprios interesses falem mais alto.

No segundo conto, *Chovem amores na rua do matador*, um homem, perto de completar 50 anos, decide matar as três mulheres que amou na vida, todas habitantes da vila de Xigovia. Enquanto discorre sobre seus planos e rancores, o leitor acompanha, simultaneamente, a versão das mulheres, que em nada coincide com a do tipo raivoso. A violência é implícita aqui, pois é farsesco o tom da narrativa, que torna ri-

sível a figura do homem ressentido em busca de vingança.

O terceiro conto, *A caixa preta*, pode ser lido como uma recriação funesta, ambientada à sombra da guerra e da loucura, da história de Chapeuzinho Vermelho. Num território conflagrado, onde o barulho dos tiros é permanente, uma avó e sua neta têm a casa invadida por uma misteriosa figura com máscara de lobo, que vai trazer à tona segredos antigos. “A guerra roubou-nos as pessoas de muitas maneiras diferentes”, diz, a certa altura, a avó, que preferiria deixar enterados os horrores do passado. Mas, como comenta o autor de *Terra sonâmbula* na entrevista à jornalista Anabela Mota Ribeiro, incluída no livro, “a solução esquecimento não é uma solução” (2019, p. 159)

Assim, a despeito da sua fluidez, são muitas – e difíceis – as questões envolvidas nessas narrativas. Mescladas ao elemento fantástico e também, no caso dos dois primeiros contos, ao humor, ouvem-se os ecos da guerra, da injustiça colonial, da perseguição ao diferente, do machismo, do racismo. Aqui não há oposição entre denúncia e diversão. Diversão do público – teatral, na sua forma original, e agora leitor – e dos próprios autores. Escorre pelas linhas o tanto que eles se divertiram ao escrever o livro.

## Referências

COUTO, Mia; AGUALUSA, José Eduardo. *O Terrorista Elegante e Outras Histórias*. Ilustrações de Alex Cerveny. São Paulo: Planeta, p. 176, 2019.